



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Fórum Econômico Mundial deve reforçar temor com economia mundial

O principal evento da semana é o Fórum Econômico Mundial, organizado pelo FMI em Davos na Suíça. O encontro discutirá as perspectivas para a economia global e a possibilidade de uma recessão nas principais economias do mundo, diante do aperto monetário promovido pelos principais BCs. O Ministro Haddad e a Ministra Marina Silva representarão o Brasil no evento.

Neste sentido, vale mencionar que novas medidas econômicas (incluindo o programa Desenrola) devem ser anunciadas apenas no fim do mês, quando o Ministro retornar ao país. Na última semana, foram anunciadas várias medidas (principalmente buscando aumentar receitas) que poderiam reverter o déficit primário estimado em R\$ 231 bi (2,2% do PIB) para um superávit de R\$ 11 bi (0,1% do PIB). Contudo, o próprio Ministro admitiu que deve ocorrer alguma frustração, levando-os a trabalhar com um objetivo de entregar um déficit entre 0,5% a 1,0% do PIB no ano. Por ora, o mercado estima um déficit superior, da ordem de 1,2% do PIB. De toda forma, o anúncio das medidas, em conjunto com a melhora do cenário internacional, ajudou a valorizar o Real e reduzir os juros futuros. Já a bolsa apresentou um resultado mais modesto, por diversos fatores, entre eles os problemas reportados pelas Lojas Americanas.

A agenda de indicadores econômicos nacional é bastante enxuta na semana. Destaque para a PNAD Contínua do trimestre encerrado em novembro, que deve mostrar continuidade da tendência de queda do desemprego. O IBGE divulga a PNAD na quinta (17), com cerca de 20 dias de atraso, devido à força tarefa criada pela instituição para encerrar a coleta de informações para o Censo. A expectativa mediana dos analistas é que a taxa de desemprego caia para 8,1% (ante 8,3% em outubro), beneficiada pela contratação de funcionários para as festas de fim de ano.

Também na semana, a FGV divulga, na terça (17), o IGP-10 de janeiro e o Monitor do PIB de novembro. O IGP-10 deve subir 0,34% no mês, desacelerando para 4,59% em 12 meses (ante 6,08%), menor nível desde nov/19. Já O Monitor do PIB, assim como os demais indicadores já conhecidos, deve confirmar a perda de tração da atividade no quarto trimestre.

No cenário internacional, o mercado se volta para a China, que divulga hoje (16) à noite o resultado do PIB do 4º trimestre de 2022, cuja perspectiva é de desaceleração em função do novo surto de casos de Covid-19 no período. O consenso do mercado projeta alta de 1,6% ante o mesmo período de 2021 (ante 3,9% no 3T22). Com isso, o país asiático deve crescer apenas 2,7% em 2022, a segunda menor expansão desde o fim dos anos 70, superior apenas ao crescimento de 2020 (+2,2%), início da pandemia. Para 2023, a expectativa é de alguma aceleração, com alta estimada em 4,8% (consenso Bloomberg) devido à flexibilização da política “Covid-zero” e reabertura das fronteiras. Além disso, vale citar que nesta segunda também serão divulgados os dados da indústria, varejo e investimento em ativos fixos referentes ao mês de dezembro.

Os indicadores de atividade também serão destaque nos EUA ao longo da semana, dados que devem reforçar os sinais de arrefecimento da economia norte-americana. Na quarta-feira (18) serão conhecidos os resultados da indústria e do varejo de dezembro, cujas expectativas são de queda de 0,1% e 0,9%, respectivamente. No mesmo dia, o Fed divulgará o Livro Bege; e, na quinta (19) e na sexta (20), serão conhecidos vários indicadores do setor imobiliário também referentes a dezembro, que devem seguir em retração, acentuando a tendência negativa do setor. Na quarta (18) será conhecida a inflação ao produtor (PPI). Ainda nos EUA, os bancos de investimento Goldman Sachs e Morgan Stanley divulgam seus resultados na terça (17). Na Zona do Euro, o destaque é o resultado final de dezembro da inflação (CPI) ao consumidor, que deve confirmar a prévia e desacelerar de 10,1% para 9,2% no acumulado em 12 meses, devido à queda do preço da energia na região.

Para ver o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado, [clique aqui](#).

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação encerra 2022 em desaceleração, mas volta a estourar a meta

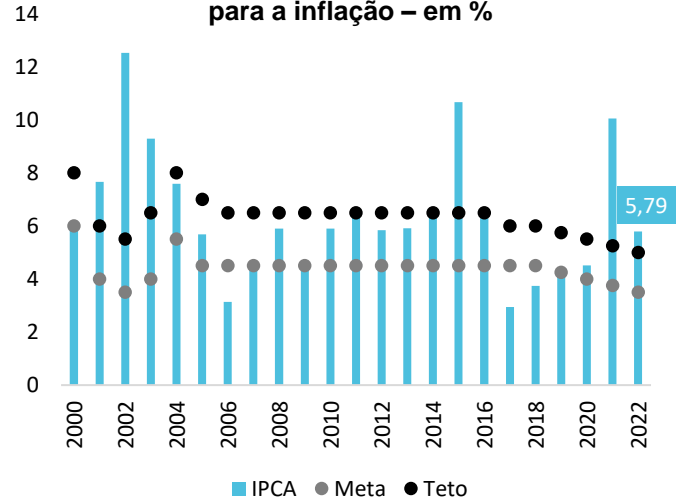
A inflação (IPCA) subiu 0,62% em dezembro, fechando o ano de 2022 com alta acumulada de 5,79%, acima do teto da meta (5,0%) estabelecido pelo CMN. No mês, o índice veio acima do esperado pelo mercado (+0,45%), com alta puxada especialmente pelos bens industriais (+1,19%), como itens de higiene pessoal, vestuário e aparelhos eletrônicos, devido à recomposição dos preços após os descontos da *Black Friday*. Apesar do resultado, as principais medidas de núcleos seguiram desacelerando na visão acumulada em 12 meses, mantendo os sinais de acomodação da inflação à frente.

No ano, após atingir o pico em abril (12,13%), o indicador mostrou uma desaceleração importante, explicada, sobretudo, pela deflação do itens administrados, notadamente dos combustíveis e energia elétrica, em função das alterações tributárias e cenário hídrico favorável. Na outra ponta, o índice foi pressionado pelos alimentos (excesso de chuvas, alta dos preços das *commodities* agrícolas e pressões de insumos), itens industriais (gargalos logísticos) e serviços, neste caso com alguma moderação no 2º semestre com a normalização da retomada das atividades.

A despeito da acomodação ante o fechamento de 2021 (10,06%), a inflação voltou a estourar a meta, obrigando o BCB a escrever uma carta explicando as causas do seu descumprimento, as providências que está tomando para assegurar o retorno da inflação aos limites estabelecidos e o prazo em que se espera tal efeito. Entre as principais influências altistas, o BC destaca: a inércia da inflação do ano anterior; as expectativas de inflação; a elevação dos preços das *commodities* (agravada pela eclosão da guerra na Ucrânia); os gargalos nas cadeias produtivas; os choques nos preços dos alimentos, resultantes de questões climáticas; e a reabertura das atividades, que pressionaram os preços dos serviços. No documento, o BC também destaca que a elevação da inflação nos últimos dois anos foi um fenômeno global, e que, ainda em 2021, a política monetária já havia passado para o território contracionista, movimento que seguiu em 2022 e que já produziu alguns efeito sobre a inflação.

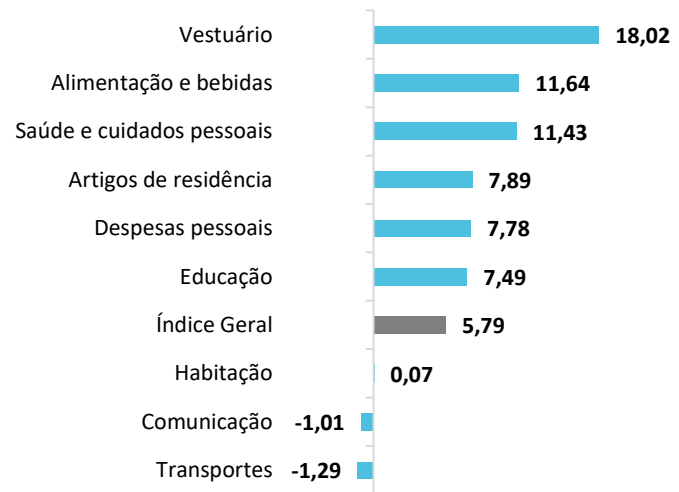
No geral, os números de dezembro confirmaram a tendência de desaceleração da inflação, mas em patamar ainda elevado. A preocupação segue para 2023, com a expectativa de novo descumprimento da meta, fato que deve levar o BCB a manter a Selic elevada por algum tempo.

Quadro 1: IPCA Anual – Centro e Teto da Meta para a inflação – em %



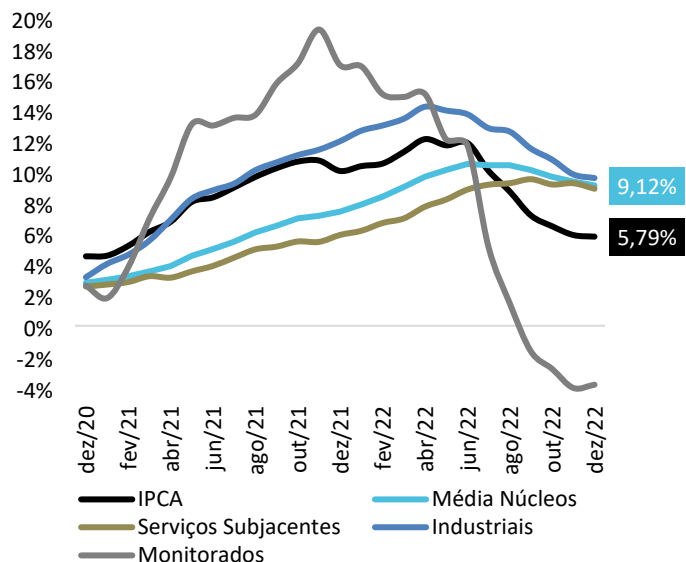
Fonte: IBGE

Quadro 2: Grupos IPCA – Var. % anual em 2022



Fonte: IBGE

Quadro 3: IPCA e Aberturas – Acum. 12 meses - %



Fonte: IBGE

Em relação à atividade, os indicadores de novembro confirmaram a perda de tração da economia no 4º trimestre, reforçando a perspectiva de uma variação do PIB próxima a zero ou ligeiramente negativa no período. Ainda assim, suficiente para garantir uma alta do PIB entre 2,9% a 3,0% em 2022.

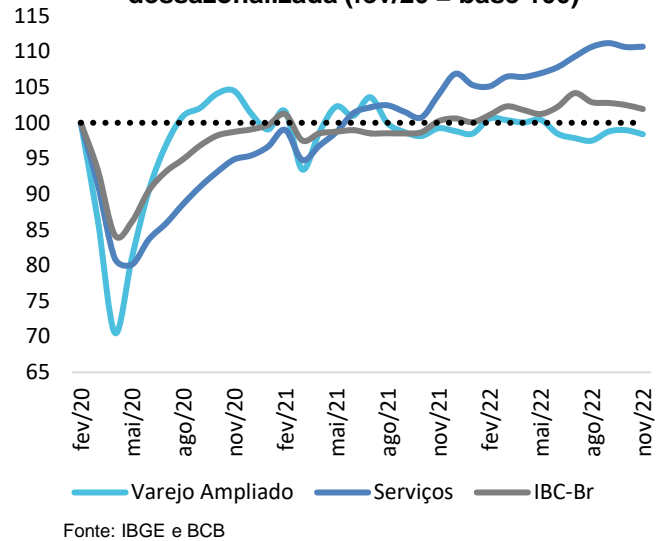
As vendas no varejo surpreenderam negativamente ao recuar 0,6% em novembro, ante expectativa de estabilidade. O recuo se mostrou disseminado, com queda em 6 das 10 atividades analisadas. A maior retração ocorreu nas vendas de combustíveis (-5,4%), devolvendo parte das altas recentes, pressionada pela alta dos preços, especialmente do etanol, após uma sequência de meses em deflação. Com a inflação elevada e juros em alta, nem mesmo as promoções da *Black Friday* conseguiram impulsionar as vendas de segmentos tipicamente favorecidos, como vestuário (-0,8%) e equipamentos para escritório (-3,4%). As vendas nos supermercados (-0,2%) também caíram, num movimento de acomodação após o impulso gerado pela ampliação das medidas de transferência de renda (Auxílio Brasil).

O setor de serviços, por sua vez, também surpreendeu negativamente ao ficar estável no mês (ante expectativa de alta de 0,3%). O resultado é mais um indício de que os impulsos trazidos pela reabertura econômica estão se esgotando. No mês, 3 das 5 atividades analisadas recuaram, com destaque para os serviços prestados às famílias (-0,8%), o único ainda sem recuperar as perdas no início da pandemia. Além deste, outros serviços (-2,2%) e de informação e comunicação (-0,7%) também recuaram no mês.

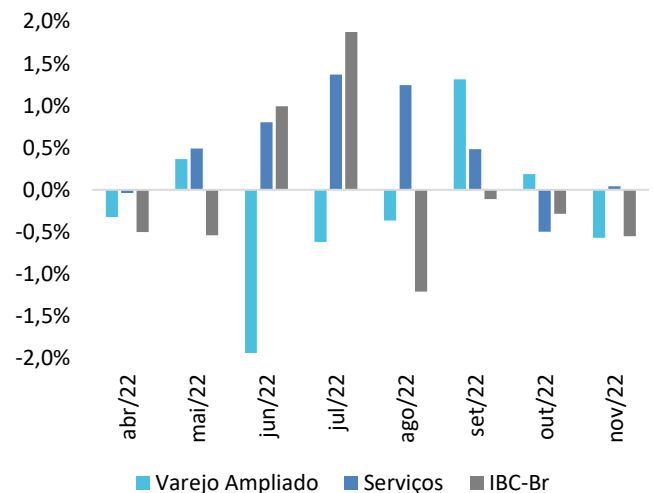
Na mesma direção, o IBC-Br, *proxy* mensal do PIB, retraiu 0,55% em novembro, abaixo do piso das projeções (-0,50%), refletindo a queda do varejo e da indústria no período. Por sinal, esta foi a quarta retração seguida do indicador, reforçando a visão de desaceleração da atividade ao longo do 2º semestre.

Em resumo, os dados de novembro reforçaram a sinalização de que a economia está perdendo fôlego, impactada pelo aperto monetário promovido pelo BCB (que encarece o crédito), inflação ainda elevada, deterioração dos indicadores de confiança e desaceleração da atividade global. Tal fato é comprovado pelo carregamento estatístico (*carry over*) deixado pelos indicadores para o 4º trimestre, que sugerem um desempenho bastante tímido da atividade no período, em especial no caso do IBC-Br, cujo *carry over* indica retração de 1,1% no trimestre.

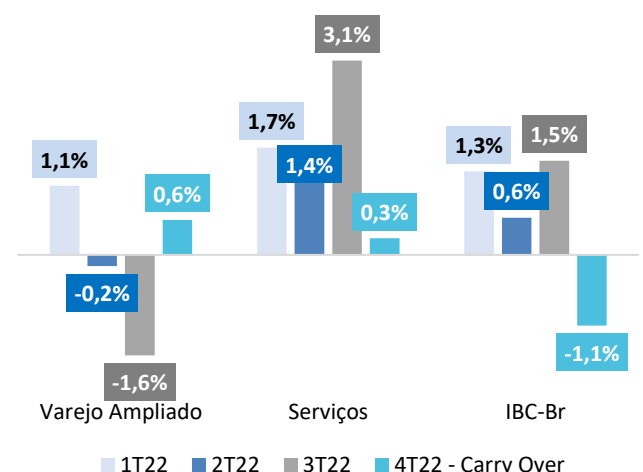
Quadro 4: Indicadores de Atividade – série dessazonalizada (fev/20 = base 100)



Quadro 5: Indicadores de Atividade – Var. % mensal



Quadro 6: Indicadores de Atividade – Var. % trimestral (T/T-1) e Carry Over



Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

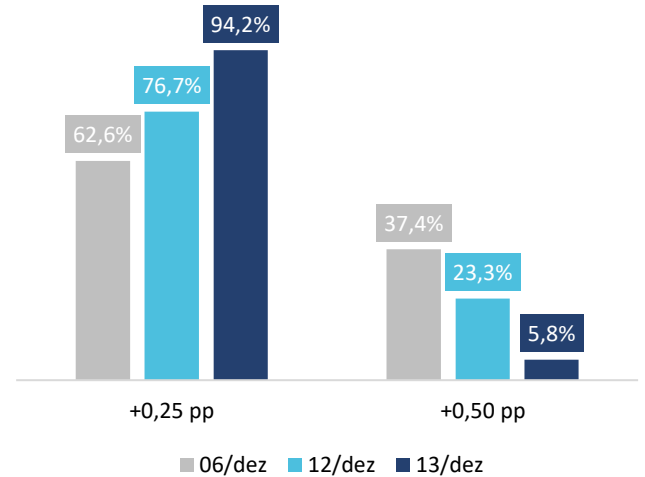
Mercados se animam com CPI e possível nova redução do ritmo do aperto monetário pelo Fed

A semana foi positiva para os principais índices/bolsas no mercado internacional. O principal fator veio dos EUA, onde a inflação ao consumidor (CPI) registrou deflação, elevando as expectativas de que o Fomc/Fed reduza o ritmo de seu aperto monetário (de +0,5 pp para +0,25 pp) na reunião de fevereiro. A probabilidade de tal cenário, segundo o CME Group, passou de 62,6% na última semana para 94,2%. Outro impacto positivo veio da reabertura das fronteiras na China e a flexibilização de sua política “Covid-zero”, elevando a confiança dos agentes em uma recuperação da economia asiática, beneficiando os preços das *commodities* e de ativos de países emergentes. Além disso, foi iniciada, pelos principais bancos nos EUA, a temporada de divulgação dos balanços corporativos (ver pgs. 5 e 6), que mostrou que os bancos seguem reforçando suas provisões, diante do temor com uma recessão no país.

O CPI norte-americano caiu 0,1% em dezembro, melhor que o consenso (0,0%). O alívio dos preços no mês foi puxado, principalmente, pelas quedas nos preços dos itens de energia, como óleo combustível (-16,6%) e gasolina (-9,4%). Outra contribuição veio dos automóveis usados (-2,5%), onde o preço já vinha caindo desde julho. Por outro lado, o preço dos alimentos (+0,3%) continuou subindo, mesmo que em menor magnitude que os meses anteriores, especialmente devido à alta da alimentação fora do domicílio (+0,4%). Com isso, o CPI acumulado em 12 meses desacelerou para 6,5% (ante +7,1%). O núcleo do indicador (sem alimentos e energia) não apresentou o mesmo alívio e subiu 0,3%, porém, o resultado veio em linha com o esperado pelo mercado. Em base anual, o núcleo desacelerou para 5,7% (ante +6,0%). A preocupação segue com a inflação de serviços, que segue resiliente, e atingiu 7,0% (ante 6,8%). De toda forma, o alívio nos preços influenciou positivamente a confiança dos consumidores, cuja prévia de janeiro subiu para 64,6 pts (ante 59,7 pts), maior patamar do indicador desde abr/22.

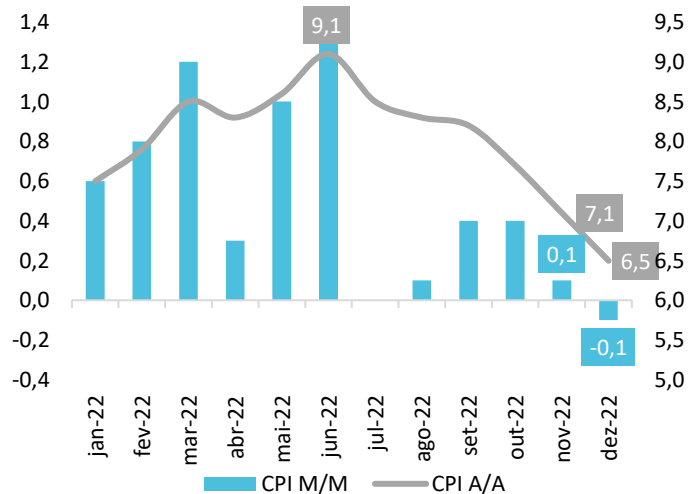
Na China, os dados do setor externo de dez/22 seguiram em queda, refletindo o recuo da demanda global, assim como da demanda interna, embora de forma menos intensa que a esperada. As exportações caíram 9,9% (ante dez/21), enquanto as importações recuaram 7,5%. No âmbito da inflação, a leitura de dezembro reforçou o patamar confortável dos preços. O CPI ficou estável em dez/22, conforme o esperado, levando o indicador no acumulado em 12 meses para 1,8% (ante 1,6%). No mesmo comparativo, os preços ao produtor (PPI) seguiram em deflação atingindo -0,7% em dezembro.

Quadro 7: Evolução da probabilidade de elevação dos juros pelo Fed na reunião de fevereiro



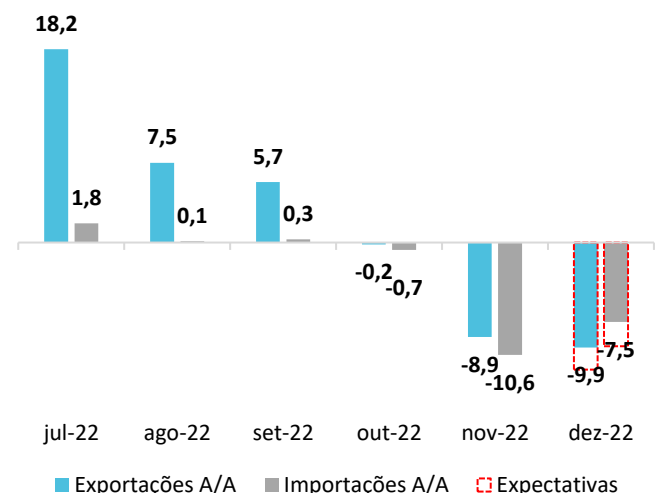
Fonte: CME Group.

Quadro 8: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: China – Exportações e Importações Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/22

CRÉDITO / BANCOS

Na sexta-feira passada, a maioria dos principais bancos dos EUA divulgaram seus resultados referentes ao 4º trimestre de 2022. Consolidando os resultados, houve queda (-10,7%) do lucro líquido ante o 4T21, principalmente em função de maiores gastos com provisões no período e uma forte base de comparação (no 4T21 houve liberação de provisões). As provisões vem sendo elevadas devido às preocupações com o cenário econômico, diante do temor de uma recessão em função do processo de aperto monetário em curso pelo Fed. Por outro lado, as receitas (com juros) das IFs tem subido, se beneficiando de tal conjuntura e registraram alta significativa, tendo sido capaz de elevar o lucro no comparativo anual em algumas instituições (JP Morgan e BofA). Quanto aos custos, a inflação segue pressionando, mantendo as despesas das instituições em alta.

Quadro 10: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 4º tri/22

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo
Lucro Líquido US\$ bi	11,0	2,5	7,1	2,9
Lucro por Ação (expectativa)	3,57 (3,07)	1,16 (1,14)	0,85 (0,77)	0,67 (0,66)
ROE anualizado (trimestre)	16,0%	5,0%	11,2%	6,4%
Receita US\$ bi	35,6	18,0	24,5	19,7
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	2,3	1,8	1,1	1,0
Carteira de Crédito US\$ bi	1.135,6	657,2	1.045,7	948,5

JP MORGAN: O banco divulgou um lucro líquido de US\$ 11,0 bi (ou 3,57 por ação) no 4T22, o que corresponde a uma alta de 13,1% no trimestre e de 5,9% ante o 4T21. Com isso, o ROE foi de 16,0% (anualizado) no período, subindo 1,0 pp ante o 3T22 e ficando estável em 12 meses. No comparativo com o 4T21, houve forte aumento das receitas (+17,2%), que totalizaram US\$ 35,6 bi, acima do esperado (US\$ 34,3 bi). O bom resultado foi puxado pelas receitas provenientes de juros (*interest income*), que subiram 120,1% no período, em meio à alta das taxas de juros nos EUA. Desta forma, a grande contribuição veio do varejo (+29,1% ante o 4T21), segmento mais representativo do banco (45% das receitas). Outros destaques positivos vieram do segmento comercial (+11,7%) e do *corporate* cujas receitas atingiram US\$ 1,2 bi, beneficiadas pela venda de ações da empresa Visa, que sozinha gerou um impacto positivo de US\$ 914 mi.

Do lado negativo, houve gastos extras (US\$ 1,4 bi) com provisão para devedores duvidosos (PDD), que totalizaram US\$ 2,3 bi no trimestre. Como comparação, no 4T21 a IF registrou benefício líquido de US\$ 1,3 bi com reversão de provisões, após o acúmulo extraordinário no início da pandemia. A elevação das provisões se deve à preocupação com a economia norte-americana. Em nota, o JP afirmou que trabalha com uma leve recessão em seu cenário base para 2023, fato que deve elevar o uso de linhas de crédito mais caras e arriscadas (como o cartão de crédito) pelos consumidores, bem como aumentar a inadimplência do banco. Por fim, a carteira de crédito do JP, a maior dos EUA, atingiu US\$ 1.135,6 bi, com alta de 5,4% em um ano.

CITI: a IF registrou lucro líquido de US\$ 2,5 bi (ou 1,16 por ação) no trimestre, representando quedas de 27,8% ante o 3T22 e de 20,8% ante o 4T21. O ROE da IF foi de apenas 5,0% (anualizado), caindo 2,1 pp e 1,4 pp no comparativo trimestral e anual, respectivamente. Pesou no resultado o novo acúmulo de provisões (US\$ 640 mi) que atingiram US\$ 1,8 bi no trimestre, com o banco se preparando para um ano desafiador. As receitas, por sua vez, atingiram US\$ 18,0 bi no 4T22, em linha com o esperado, e com alta de 5,8% em 12 meses. Contudo, o principal segmento do Citi, sua área institucional (51% das receitas), teve incremento de apenas 2,8% das receitas, onde os bons resultados (+30,7%) com as negociações de renda fixa foram parcialmente compensados pelos menores resultados em *investment banking* (-58,5%). De toda forma, os custos ficaram bem controlados e caíram 4,0% ante o 4T21. Por fim, a carteira de crédito atingiu US\$ 657,2 bi, recuando 1,6% em 12 meses.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/22

BofA: O Bank of America divulgou um lucro líquido de US\$ 7,1 bi (US\$ 0,85 por ação) no 4º trimestre, registrando leves altas de 0,7% no trimestre e de 1,7% ante o 4T21. O resultado ficou acima do esperado pelos analistas (US\$ 0,77 por ação). Com isso, o ROE anualizado do banco subiu para 11,2% no trimestre (+0,5 pp ante o 3T22 e +0,3 pp ante o 4T21). Assim como seus pares, o Bofa registrou crescimento dos gastos com PDD, totalizando um custo de crédito de US\$ 1,1 bi no 4T22 (ante reversão de provisões de US\$ 0,5 bi no 4T21), como resposta à conjuntura econômica desafiadora esperada para os próximos trimestres.

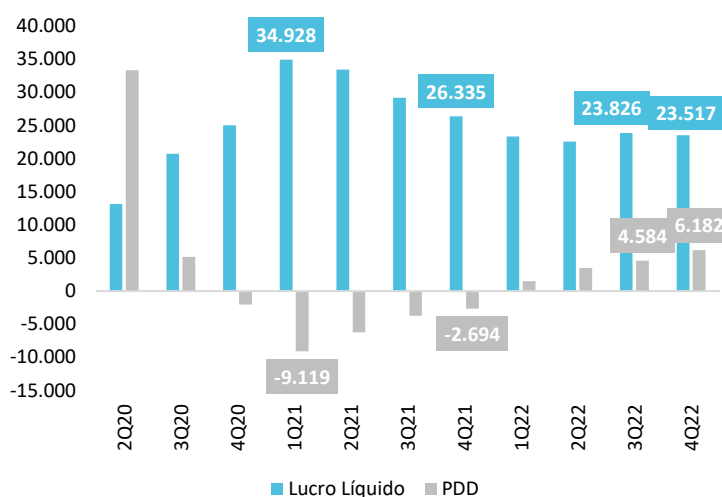
Entretanto, o banco conseguiu compensar este fator com um bom crescimento das receitas (+11,2% em 12 meses), que atingiram US\$ 24,5 bi no trimestre, pouco acima das expectativas (US\$ 24,3 bi). A alta pode ser explicada, em grande parte, pela recente elevação das taxas de juros, uma vez que o banco tem atuação relevante no varejo. Desta forma, o destaque do banco foi o segmento de varejo (*consumer banking*), que representa 44% da IF, onde as receitas cresceram 21,0% em 12 meses. Já a carteira total de crédito da IF total cresceu 6,8% no ano.

WELLS FARGO: O banco reportou um lucro líquido de US\$ 2,9 bi no 4T22, com quedas expressivas de 18,8% ante o trimestre anterior e de 50,2% em 12 meses. O resultado corresponde a um lucro de US\$ 0,67 por ação, em linha com o esperado pelos analistas (US\$ 0,66). Neste sentido, o ROE, que ficou em 6,4% (anualizado), também teve quedas relevantes de -1,6 pp e -6,4 pp, ante o 3T22 e 4T21, nesta ordem. Parte relevante de tal piora decorreu da perda de US\$ 3,3 bi (ou US\$ 0,70 por ação) com processos e questões regulatórias, fato que já havia sido divulgado pela instituição.

Assim como seus pares, o banco também sofreu com maiores despesas com PDD, que ficaram em US\$ 957 mi no período, ante reversão de US\$ 452 mi no 4T21. Além disso, a receita do banco também decepcionou, ficando em US\$ 19,7 bi (um pouco abaixo da expectativa de US\$ 20,0 bi), e diferentemente de seus concorrentes, recuando (-5,7%) ante o 4T21. O segmento de varejo (mais relevante com 48% de participação) viu suas receitas crescerem 8,4% em um ano. Porém, o resultado poderia ter sido melhor, caso as receitas no crédito imobiliário não tivessem registrado uma queda tão intensa (-57,4%). Tal recuo faz parte da estratégia do banco, divulgada na última semana, de reduzir sua atuação no setor, que deixará, por exemplo, de comprar empréstimos imobiliários de correspondentes bancários, diante dos sinais de desaceleração econômica, principalmente vindos do setor imobiliário. Outro impacto negativo veio do intenso crescimento (+22,8%) das despesas ante o 4T21. Por fim, a carteira de crédito cresceu 5,9% em 12 meses, atingindo US\$ 948,5 bi.

O Quadro 11 traz a evolução do lucro líquido e dos gastos com PDD dos quatro principais bancos de varejo dos EUA (BofA, Citi, JP Morgan e Wells Fargo). Após o aumento da PDD no início da pandemia (1º semestre/20), o cenário foi melhorando, permitindo que as IFs liberassem parte destas provisões ao longo de 2021, elevando o lucro do setor. Entretanto, com a exaustão de tal processo, aliado à piora do cenário econômico, os gastos com PDD voltaram ao campo positivo em 2022 e com tendência crescente. Foi por conta disso que o setor saiu de um benefício líquido de US\$ 2,7 bi no 4T21 para gastos de US\$ 6,2 bi no 4T22. Por outro lado, com a alta dos *Fed Funds*, há o benefício de maiores receitas provenientes de juros, porém compensando apenas parcialmente o resultado, como pode ser visto pela queda do lucro na comparação anual e trimestral.

Quadro 11: Lucro Líquido e Gastos com PDD dos 4 maiores bancos de varejo dos EUA – Em US\$ milhões



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/jan	FGV: IGP-10	Jan/23	0,34% m/m 4,59% a/a	0,36% m/m 6,08% a/a
17/jan	FGV: Monitor do PIB	Nov/22	-	0,1% m/m 2,8% a/a
19/jan	PNAD: Taxa de Desemprego	Nov/22	8,1%	8,3%

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
16/jan	China	PIB	4º tri/22	1,6% t/t-4	3,9% t/t-4
16/jan	China	Vendas no Varejo	Dez/22	-9,0% a/a	-5,9% a/a
16/jan	China	Produção Industrial	Dez/22	0,1% a/a	2,2% a/a
16/jan	China	Investimento em Ativos Fixos	Dez/22	5,0% acum. ano	5,3% acum. ano
18/jan	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/22 – final	9,2% a/a	10,1% a/a
18/jan	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Dez/22	6,8% a/a	7,4% a/a
18/jan	EUA	Vendas no Varejo	Dez/22	-0,9% m/m	-0,6% m/m
18/jan	EUA	Produção Industrial	Dez/22	-0,1% m/m	-0,2% m/m
18/jan	EUA	Livro Bege	Jan/23	-	-
19/jan	EUA	Alvarás para Novas Construções	Dez/22	1,4% m/m	-10,6% m/m
19/jan	EUA	Construção de Casas Novas	Dez/22	-4,9% m/m	-0,5% m/m
19/jan	China	Taxas Prime de 1 ano e 5 anos	Jan/23	3,65% aa / 4,30% aa	3,65% aa / 4,30% aa
20/jan	EUA	Venda de Casas Existentes	Dez/22	-3,4% m/m	-7,7% m/m

Fonte: Bloomberg.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2022				2023			
	13/1/23	6/1/23	16/12/22	Viés	13/1/23	6/1/23	16/12/22	Viés
IPCA (%)	5,39	5,36	5,17	▲	3,70	3,70	3,50	↔
PIB (% de crescimento)	0,77	0,78	0,79	▼	1,50	1,50	1,67	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,25	11,75	▲	9,25	9,25	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,28	5,28	5,26	↔	5,30	5,30	5,25	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	13/01/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,10	-4,66%	-3,35%	-3,35%	-7,70%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	241,25	-7,83%	-5,04%	-5,04%	10,54%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,66	0,01%	0,03%	0,03%	41,46%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,40	-2,09%	-0,41%	-0,41%	12,20%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,24	-6,99%	-3,19%	-3,19%	9,58%
Índice Ibovespa (em pontos)	110.916,08	3,04%	1,08%	1,08%	5,10%
IFNC (setor financeiro)	10.380,14	4,25%	1,24%	1,24%	8,96%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	1700,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,23	-0,36%	-4,38%	-4,38%	373,97%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,50	-1,53%	-9,58%	-9,58%	105,59%
Dollar Index	102,20	-1,61%	-1,27%	-1,27%	7,82%
Índice S&P 500 (em pontos)	3.999,09	2,67%	4,16%	4,16%	-14,16%
Índice de ações de bancos – EUA	117,49	1,54%	2,98%	2,98%	-15,22%
Índice Euro Stoxx 50	4.150,80	3,31%	9,42%	9,42%	-3,83%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	105,36	1,22%	9,91%	9,91%	-3,87%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	85,28	8,54%	-0,73%	-0,73%	0,96%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira